A HISTÓRIA DE ITAREMA SEGUNDO O MEMORIALISTA JOSÉ DE FÁTIMA SILVA

Documento elaborado a pedido de Diego Carneiro, administrador do Blog História e Genealogia do Baixo Acaraú
https://genealogiabaixoacarau.blogspot.com/

Nota Introdutória

O presente texto sistematiza, em registro acadêmico e objetivo, o conteúdo histórico transmitido por José de Fátima Silva — professor, historiador e memorialista do município de Itarema (Ceará) — em quatro entrevistas concedidas a canais locais dedicados à cultura do Baixo Acaraú: a primeira, edição de estreia do podcast "Pod Mais", do canal *Coisas do Nordeste com Aderlan Filho e Arrozinho*, gravada em 7 de julho de 2023; a segunda, veiculada no programa semanal "Quarta Cultural", do mesmo canal, em 6 de setembro de 2023; a terceira, dedicada especificamente à história da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala, veiculada em 1º de setembro de 2025, no episódio de número 42 do podcast *Made in Itarema*, conduzido por Paulo Henrique; e uma quarta, em formato de perguntas e respostas — perguntas essas colhidas pelo entrevistador (identificado como "PH", Paulo Henrique) junto ao público, por meio de uma caixa de perguntas aberta no Instagram —, gravada na residência/museu do entrevistado por ocasião do aniversário de 38 anos de emancipação política de Itarema (cuja data de publicação exata não foi informada ao autor deste texto). Trata-se de depoimentos de natureza oral, fundados em memória pessoal, tradição local e em fontes documentais e bibliográficas às quais o entrevistado declara ter tido acesso ao longo de décadas de pesquisa — iniciada em 1993, quando passou a percorrer de bicicleta a totalidade do território do município (720 km²) para coletar relatos, objetos e documentos junto à população, inclusive por meio de permuta de peças —, incluindo entrevistas com moradores idosos, consulta a registros de cartório, a obras de autores cearenses e a fontes eclesiásticas. Os enunciados abaixo reproduzem o conteúdo factual dos quatro relatos — nomes, datas, locais e relações de parentesco ou sucessão —, eliminando saudações, publicidade a apoiadores, interações com o público e digressões estranhas ao tema. Onde o próprio entrevistado explicitou incerteza, contradição de fontes ou hipótese pessoal, ou onde as entrevistas divergem entre si ou internamente, isso é indicado no texto.

1. Origem do topônimo "Itarema"

Segundo José de Fátima Silva, o nome "Itarema" é de origem indígena, tupi-guarani, e significa "pedra cheirosa" ou "pedra fedorenta" — dupla conotação registrada, segundo o

entrevistado, no *Dicionário Histórico e Geográfico* do Dr. Renato Braga, escritor cearense, e corroborada por outros autores como Raimundo Girão e o Barão de Studart. O termo se decompõe em "ita" (pedra) e "rema" (cheiro, agradável ou desagradável).

O entrevistado refuta a narrativa, disseminada localmente, de que o topônimo teria sido criado ou inventado pelo vereador José Fernandes de Souza (também referido como "Zezé"). Segundo ele, José Fernandes de Souza — homem instruído, leitor assíduo — não criou a palavra, mas a encontrou em obras que consultava, e apenas a aplicou, em substituição ao nome anterior do povoado, "Tanque do Meio". José de Fátima Silva situa esse ato em 6 de setembro de 1936, durante o mandato de José Fernandes de Souza como vereador indicado pela Câmara Municipal de Acaraú (mandato de 1936 a 1940) — o segundo vereador indicado para representar o povoado. Em depoimento posterior, o entrevistado precisa que, nessa primeira passagem pela vereança (1936), José Fernandes de Souza foi indicado pela Câmara de Acaraú, e não eleito pelo voto popular; ele viria a ser efetivamente eleito vereador pela população apenas em 1960, em um segundo mandato.

Como evidência de que o topônimo já existia antes de 1936, o entrevistado cita:

- Registro do nome em mapas holandeses de 1637, atribuídos a Diego de Lemos;
- Menção em livros a partir de 1647;
- Um livro de autoria do Dr. Leonardo Mota, de 1847, no qual constaria a palavra "Itarema" — ressalvando o entrevistado que essa referência não corresponderia ao Itarema atual, mas a uma localidade homônima situada na Serra do Maranguape (também chamada, segundo o relato, Serra da Taquara), onde os holandeses (apelidados de "flamengos") teriam descoberto, em data não precisada, a primeira mina de prata registrada na história do Ceará. Segundo o entrevistado, o líquido escorrido da mina, de odor forte, teria motivado ali também a associação com "pedra fedorenta"; no caso do Itarema litorâneo, a mesma dupla conotação (cheiro agradável/desagradável) seria atribuída ao cheiro da maresia e a uma rocha (denominada por ele "obelisco de pedra") visível na maré baixa na praia do Farol do Itapajé.

Uma quarta entrevista acrescenta, com alguma inconsistência interna quanto à data — ora 1627, ora 1637 —, que essa referência mais antiga corresponderia ao topônimo "Taquara de Itarema", na Serra do Maranguape, onde teria sido descoberta a primeira mina de prata holandesa do Ceará. Já a rocha litorânea associada ao nome atual — identificada nessa mesma entrevista como "Pedra da Batateira" — não seria exclusiva de Itarema: segundo o relato, trata-se de uma formação rochosa que se estende, de forma intermitente, desde Camocim, passando por Jericoacoara, pelo Farol do Itapajé (Itarema), pelo Icaraí de Amontada e pelas Flexeiras, até o Rio Grande do Norte, a Paraíba e Fernando de Noronha (PE), sendo visível apenas em determinados pontos, na maré baixa. O entrevistado relaciona essa mesma formação ao naufrágio, em 1960, da embarcação "Senhor do Bonfim" no Morro

do Caboré — ponto mais alto do sistema de dunas do município, entre as localidades de Torrões e Almofala —, embarcação que teria sido presenteada por Juscelino Kubitschek a um pescador da região do Acaraú, em reconhecimento por uma viagem de jangada por este realizada, com mais quatro pescadores, de Almofala ao Rio de Janeiro. Ainda segundo o relato, diversas outras embarcações teriam naufragado no mesmo ponto ao longo das duas guerras mundiais, em razão dessa mesma formação rochosa submersa. O topônimo "Morro do Caboré" seria devido à abundância, no local, do caboré — ave de rapina de canto associado, na tradição local, a mau agouro.

2. Do "Tanque do Meio" à emancipação como distrito (1825–1890)

De acordo com o relato, a origem do núcleo urbano remonta à abertura de três tanques d'água — tanque de cima, tanque do meio e tanque de baixo — por ordem do padre Bernardo Clemente da Cruz Oliveira, vigário de Almofala e descrito, em depoimento posterior, como português, em 1825. O aglomerado que se formaria em torno do tanque central passou a ser conhecido, a partir de então, como "Tanque do Meio" — usualmente já a partir de 1825, embora essa denominação só tenha sido oficializada em 1890, quando o povoado foi elevado à condição de distrito de Acaraú, reconhecido pela Câmara Municipal de Acaraú e registrado no Cartório de Primeiro Ofício.

Segundo José de Fátima Silva:

- O tanque de cima situava-se na localidade então chamada Água das Velhas (atual Caraúbas), próximo ao local onde, mais tarde, seria instalada a primeira torre de retransmissão de sinal de televisão do município, obra da gestão do prefeito José Maria Monteiro. O tanque de cima servia de bebedouro ao gado da Fazenda de Nossa Senhora da Conceição de Almofala, patrimônio que teria incluído cerca de trinta fazendas entre a Ribeira do Aracati Mirim e a Ribeira do Aracati Açu.

- O tanque de baixo localizava-se em terreno posteriormente pertencente aos herdeiros de Mundico Ribeiro (pai de Jandira, esposa de José Maria Monteiro e mãe do prefeito em exercício à época da entrevista) — identificado em depoimento posterior como o sítio de Rosa Monteiro, avó do prefeito em exercício —, e também servia de bebedouro ao gado da santa, sob responsabilidade do vaqueiro Miguel Martins.

- O tanque do meio localizava-se próximo à residência de Dona Julita, na descida em direção à Praia da Barra (na desembocadura da Avenida Rios, próximo ao local popularmente chamado Beco do Lagamar), e tinha função múltipla: ponto de parada, abastecimento de água e banho para viajantes que conduziam comboios de carros de boi vindos de Sobral (mais de 900 carros de boi, segundo obra de 1953 de Dom José Tupinambá da Frota, bispo de Sobral) em direção a Acaraú e, dali, até localidades identificadas como "Pé de São Gonçalo do Amarante" e "Calcaia" (esta última então denominada "Sobres"); e uso doméstico pela população local (lavagem de roupa, abastecimento de água), à falta de água encanada. Segundo depoimento posterior, esse tanque foi demolido por João Batista

Rios já na década de 1970, em razão de brigas frequentes entre os animais que ali iam beber, das quais resultavam ferimentos.

O distrito de Almofala, segundo o relato, havia sido criado por cinco vezes ao longo da história administrativa da região; ao ser criado o distrito de Itarema — em 1890, segundo a primeira entrevista, ou em 1891, segundo a segunda —, o distrito de Almofala foi extinto. Sua recriação definitiva (quinta vez) ocorreu somente após a emancipação de Itarema, por iniciativa do vereador Dr. Manuel Messias. Ambas as datas (1890 e 1891) constam aqui em razão dessa divergência entre os dois depoimentos do entrevistado.

2.1 Sequência toponímica completa

Na segunda entrevista, José de Fátima Silva apresentou uma sequência mais detalhada dos nomes sucessivamente atribuídos ao povoado, tal como registrada, segundo ele, em seu livro ainda inédito *Tanque do Meio a Itarema*: "Barra do Riacho", denominação mais antiga, anterior a 1735; "Terra da Capela", a partir da bênção da primeira capela, em 1735; "Terra do Encapelado das Águas Velhas", a partir de 1798, quando essa capela se deteriorou; "Tanque do Meio", a partir de 1825; e, por fim, "Itarema", a partir de 1936.

2.2 Genealogia administrativa: de Sobral a Itarema

Segundo o relato, o território que hoje corresponde a Itarema esteve sucessivamente vinculado a Sobral e a Acaraú antes de sua própria emancipação. Sobral foi elevada à condição de vila — Vila Distinta Real de Sobral —, desmembrada de Fortaleza, em 5 de julho de 1773, por ação do ouvidor-geral da capitania Dr. João da Costa Carneiro e Sá, natural do distrito de Sobral, no município de Viseu, Portugal, a mando do rei Dom José I. O município de Acaraú, por sua vez, desmembrou-se de Sobral em 1849 (com área estimada em cerca de 5.047 km², estendendo-se da Granja até Itapipoca); a eleição para a primeira câmara de Acaraú ocorreu entre 1850 e 1851. Até 1914, o cargo hoje correspondente a prefeito era denominado presidente da câmara.

Quanto a Almofala, o entrevistado relata que ela foi criada paróquia pela primeira vez em 1766, desmembrada de Sobral; deixou de ser paróquia quando o imperador Dom Pedro II criou a Paróquia de Acaraú, em 1832 (o primeiro vigário colado nomeado para Acaraú, padre Antônio Xavier Maria de Castro, só assumiu o cargo em 1836, permanecendo nele até 1901); e foi recriada como paróquia somente em 2009, sob o bispo então à frente da Diocese de Itapipoca. Cabe notar que, na segunda entrevista, o nome e as datas atribuídos a esse vigário colado de Acaraú (padre Antônio Xavier Maria de Castro, 1832/1836–1901) diferem ligeiramente dos indicados na primeira entrevista (padre Antônio Xavier Maria de Costa e Silva, 1834–1901); em ambos os relatos, contudo, esse vigário é apontado como responsável pela bênção do nicho de taipa de Nossa Senhora dos Navegantes, em 1885 (ver seção 5.2).

Segundo o entrevistado, o distrito de Almofala foi criado cinco vezes ao todo: uma vez por Sobral, três vezes por Acaraú e uma vez por Itarema.

O entrevistado atribui à família Martins — a mesma que se estabeleceu em Itarema (ver seção 3) — a figura do padre Luiz Martins, apontado como o primeiro padre natural de Acaraú a se ordenar (em Olinda, Pernambuco), eleito vereador da câmara de Acaraú no biênio 1850–1851. A ele é atribuída a construção do primeiro açude do Córrego da Volta (localidade de Itarema), destinado a favorecer a irrigação de lavouras de batata, caju e coco; esse açude é apontado como a origem do atual balneário do Córrego da Volta. À família Santana, de origem portuguesa, é atribuída a condição de primeiros habitantes do Córrego da Volta; José Santana, já falecido, é citado como um dos primeiros vereadores da Câmara Municipal de Itarema após a emancipação de 1985.

2.3 Uma curiosidade: Itarema como capital do Ceará por um dia

Segundo tradição relatada pelo entrevistado, sempre que o presidente da Assembleia Legislativa do Ceará se desloca, com o chamado "Livro de Ouro" (livro de assinatura dos atos oficiais do estado), a um determinado município, esse local passa a exercer, enquanto ali permanecer a comitiva, a função de capital do estado. O entrevistado situa um episódio desse tipo em Acaraú, em 1724, quando o ouvidor-geral da capitania, fugindo por via fluvial de conflitos armados entre as famílias Icó e Feitosa (com dezenas de mortes registradas em Aquiraz), buscou refúgio na foz do rio Acaraú, levando consigo a documentação oficial da capitania. Segundo o mesmo relato, episódio análogo teria ocorrido também em Itarema, por um único dia, durante a administração de Benedito Monteiro Filho ("Bino Monteiro").

3. Povoamento inicial: a família Martins

Segundo o entrevistado, a família Martins foi a primeira a se estabelecer em Itarema, tendo chegado no início do século XVIII — o entrevistado menciona o ano de 1731 na primeira entrevista e o ano de 1732 na segunda. Miguel Joaquim Martins dos Santos, chefe da família, e seu irmão Miguel Martins (vaqueiro da Fazenda de Nossa Senhora da Conceição de Almofala) fixaram-se na localidade hoje conhecida por parte da população mais idosa como "bairro da Fazenda" (atual Riacho). A família Martins é descrita como numerosa e de relevância histórica, com descendentes em diversas regiões do Brasil, entre os quais políticos, um padre, um advogado e um promotor de justiça.

Na segunda entrevista, o relato acrescenta que a família, oriunda do distrito de São Julião da Laje, pertencente à sé episcopal de Braga (Portugal), não veio diretamente para Itarema: fixou-se primeiro em uma localidade próxima a Trairi, referida como Mundaú, de onde um ramo — sob a liderança de Joaquim dos Santos — seguiu depois para o território de Itarema.

Além da capela, do cemitério e da escola, esse mesmo relato atribui à família Martins a construção de um engenho de cana-de-açúcar e de uma casa de farinha na localidade.

À família Martins é atribuída a construção da primeira capela do povoado, no Riacho, abençoada em 1732 pelo vigário de Almofala, bem como a fundação do primeiro cemitério do Riacho e de uma escola no mesmo local.

4. Formação étnica e territórios diferenciados

Sobre a composição étnica da população, José de Fátima Silva relata ascendência portuguesa, italiana, espanhola, árabe, indígena e africana. Menciona especificamente uma família de origem árabe radicada no distrito de Patos, vinculada historicamente ao engenho do Coronel Frederico.

O entrevistado destaca a existência, no território do município, de três tipos de território ou missão diferenciados: a missão indígena dos Tremembé, a missão do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e uma missão quilombola.

5. História religiosa

5.1 A primeira missa e o padroado de São Julião da Laje (1735–1870)

A primeira missa celebrada em Itarema, segundo o relato, ocorreu em 17 de fevereiro de 1735, na capela do Riacho, celebrada pelo padre Felipe Paz Barreto, vigário de Almofala — quando a capela já contava três anos de existência (tendo sido, portanto, edificada por volta de 1732). A capela era dedicada a São Julião, cuja imagem, trazida de Portugal pela esposa de Miguel Joaquim Martins dos Santos, teria origem no distrito de Laje, pertencente ao bispado de Braga; daí a denominação popular "São Julião da Laje". Esse foi o primeiro padroeiro de Itarema, de 1735 a 1870. Note-se uma divergência entre as duas entrevistas quanto à data da bênção da própria capela: na primeira, essa bênção é situada em 1732, sendo a missa de 17 de fevereiro de 1735 celebrada quando o templo já contava três anos de existência; na segunda, o entrevistado localiza a bênção da capela nessa mesma data de 17 de fevereiro de 1735, sem menção à data de 1732 como momento de bênção. Ambas as versões são aqui registradas. Em 1798, a capela original deteriorou-se ("foi devorada pelo tempo", nas palavras do entrevistado), período em que parte da família Martins se transferiu para Acaraú e para a localidade de Olhos d'Água. A imagem de São Julião desapareceu nesse processo e não foi recuperada.

5.2 Nossa Senhora dos Navegantes (1870–1953)

Duas mulheres solteiras da família Barros, proprietárias de extensas terras no território (identificadas como Maria do Amparo e Joana de Barros), tinham o propósito de erguer uma capela e um cemitério em Itarema. A capela foi construída em 1870, no local onde hoje se

encontra a Igreja Matriz. Um tio (ou irmão) dessas moças, radicado em Juritianha (então chamada "Janga" ou "Juanga"), encontrou uma imagem de Nossa Senhora dos Navegantes — objeto que, segundo tradição relatada pelo entrevistado, europeus deixavam em pontos de passagem — e trouxe-a para Itarema. A nova capelinha (um "nicho" de taipa coberto de palha) foi abençoada em 1885 pelo vigário colado de Acaraú. Em depoimento posterior, o entrevistado situa o início do padroado de Nossa Senhora dos Navegantes de forma pouco precisa, mencionando o ano de 1853 (e não 1870, como no restante do relato); em vista da imprecisão desse trecho específico, e da coerência do restante da narrativa com a data de 1870, esta última é adotada como referência neste texto, sem prejuízo do registro dessa divergência.

A posse da imagem gerou disputa entre famílias de Itarema e de Juritianha, que a reivindicavam mutuamente, levando-a de um lugar a outro. O vigário colado de Acaraú entre 1834 e 1901, identificado pelo entrevistado como padre Antônio Xavier Maria de Costa e Silva, propôs solução ao conflito: encomendou uma nova imagem de madeira em Lisboa, Portugal. Ao chegar, contudo, tratava-se de uma imagem de Santa Rita, e não de Nossa Senhora dos Navegantes. As famílias de Juritianha aceitaram ficar com Santa Rita, hoje padroeira daquela localidade, enquanto Nossa Senhora dos Navegantes permaneceu como padroeira de Itarema, de 1870 a 1953.

5.3 Construção da capela de alvenaria (1908–1909) e criação da paróquia

Após o soterramento progressivo da igreja de Almofala pelas dunas, o padre Antônio Tomás transferiu para Itarema cinco imagens e objetos sacros remanescentes daquela igreja, depositando-os no nicho de Nossa Senhora dos Navegantes. A partir dessa iniciativa, reuniu famílias tradicionais da localidade — identificadas pelo entrevistado como Cazuza, Monteiro, Ribeiro e Silva — para a construção de uma capela de alvenaria no local do antigo nicho. As obras iniciaram-se em 1908 e a capela foi abençoada em 27 de dezembro de 1909. Anualmente, no dia 2 de fevereiro, realizava-se procissão levando a imagem até o Guajiru (ou Cauaçu) e à Praia do Farol do Itapajé, então chamada Praia da Barra.

A Diocese de Sobral foi criada em 1915, tendo como primeiro bispo Dom José Tupinambá da Frota. Este criou a Paróquia de Itarema em 31 de dezembro de 1953. O primeiro vigário, padre Aristides (Andrade), natural de família ilustre e proprietária de recursos em Acaraú, tomou posse em 6 de janeiro de 1954, celebrando inicialmente na capela de Nossa Senhora dos Navegantes.

5.4 Nossa Senhora de Fátima como padroeira (1953 até a atualidade)

Em 1953, a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, vinda de Fátima (Portugal), visitou o Brasil, chegando por via marítima e ancorando no porto das Cacimbas, em Acaraú. O padre Aristides acompanhou a peregrinação a partir de Fortaleza e, impressionado pela devoção

popular, promoveu a substituição do padroado: Nossa Senhora de Fátima tornou-se padroeira de Itarema a partir de 1953, permanecendo como tal até o momento da entrevista. A imagem, de madeira, trazia originalmente uma relíquia — pequena redoma de vidro contendo areia da Cova da Iria, em Fátima, local da aparição mariana a Francisco, Jacinta e Lúcia. Segundo o entrevistado, essa relíquia desapareceu em circunstâncias não esclarecidas, havendo suspeitas relatadas por um pároco local, cuja identidade não foi mencionada.

Em depoimento posterior, o entrevistado acrescenta que a imagem de Nossa Senhora de Fátima hoje na Igreja Matriz — que muitos fiéis presumiriam ser de gesso — é, na realidade, de madeira portuguesa, esculpida na própria cidade de Fátima, Portugal, pelo mesmo escultor responsável pela imagem peregrina que visitara o Brasil em 1953 (incluindo Acaraú). Segundo esse relato, o padre Aristides, em conversa com um padre em Fátima, providenciou a encomenda dessa imagem específica para Itarema, com apoio de um padrinho; ela teria viajado por via marítima até Fortaleza e, de lá, seguido para Itarema no que é descrito como o primeiro avião a pousar no município, chegando em 10 de outubro de 1954.

Em 1956, o padre Aristides demoliu a capela de Nossa Senhora dos Navegantes (erguida em 1908 e abençoada em 1909) para edificar, no mesmo terreno, a Igreja Matriz. José de Fátima Silva registra discordância pessoal quanto a essa decisão, por entender haver espaço disponível para a nova construção sem a necessidade de demolição do patrimônio anterior.

5.5 O marco do Sagrado Coração de Jesus

Uma imagem do Sagrado Coração de Jesus foi trazida do Rio de Janeiro por solicitação de João Batista Rios, chegando por via marítima ao porto dos Barcos; o transporte terrestre coube à família dos Doces (comerciantes de doces em Itarema). A imagem foi instalada sobre uma coluna erguida entre 1934 e 1935, por ocasião de uma das primeiras missões religiosas realizadas em Itarema, conduzida por padres descritos pelo entrevistado como "considerados santos", entre eles um padre de nacionalidade holandesa, então reitor do Seminário da Prainha, em Fortaleza (identificado no relato apenas pelo prenome "Vanderlei"). O padre Aristides substituiu essa coluna original por uma menor, de cerca de 1,5 a 2 metros de altura. Posteriormente, na gestão do padre Walter, a imagem foi transferida para a torre da igreja.

5.6 Sucessão de párocos

Após o falecimento do padre Aristides, ocorrido segundo o entrevistado em 1999, assumiu como primeiro pároco de Itarema o padre José Valter da Costa, responsável pela construção da torre da Igreja Matriz (cuja arquitetura, segundo o relato, inspira-se na torre da Igreja de Fátima, em Portugal), erguida por volta do ano 2000. O padre Walter deixou a paróquia após cerca de seis anos, por motivo de saúde, transferindo-se para Juritianha, onde viria a falecer; foi sepultado em Santana do Acaraú, sua terra natal.

Seguiu-se o padre Ademar (falecido, segundo o relato, no estado do Tocantins), responsável por mandar repintar a imagem do Sagrado Coração de Jesus — originalmente branca, como trazida do Rio de Janeiro —, decisão da qual o entrevistado também discorda.

O pároco seguinte, padre Oliveira, é hoje monsenhor e Vigário Geral da Diocese de Itapipoca. É-lhe atribuída a construção de nichos individuais para os santos históricos de Itarema dentro da Igreja Matriz (entre eles, o de São Miguel Arcanjo e o de Nossa Senhora de Fátima) e o reposicionamento da imagem do Cristo Crucificado para o lado norte do templo.

O padre Aristides encontra-se sepultado no interior da Igreja Matriz de Itarema, por ser considerado seu construtor e fundador, sepultamento autorizado por Dom Benedito, então bispo diocesano de Itapipoca (à data da entrevista, aposentado da função, sendo o bispo em exercício Dom Rosalvo).

Ao longo de sua história religiosa, Itarema recebeu, segundo o entrevistado, a visita de dez bispos e de centenas de padres e frades.

Em depoimento posterior, o entrevistado precisa que, embora o padre Aristides seja considerado o primeiro vigário oficialmente colado de Itarema (com a criação da paróquia em 1953), a celebração de missas na localidade já se estendia havia quase duzentos anos — cerca de cem anos na capela do Riacho e outros cem na Capela de Nossa Senhora dos Navegantes —, período em que outros padres, entre eles o padre Antônio Tomás, desempenharam de fato funções de vigário local, sem ostentar o título oficial de vigário colado, reservado ao padre Aristides.

5.7 Protestantismo

O protestantismo chegou a Itarema na década de 1960, quando pastores vinham periodicamente de Acaraú, não havendo ainda templo próprio no distrito. A primeira família a se converter foi a de Milto Pedro, proprietário de uma oficina/borracharia no centro do povoado. O marco de início é situado em 1968, ano a partir do qual se iniciou a construção do templo da Assembleia de Deus local.

5.8 A Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala

Conteúdo acrescentado por uma terceira entrevista, integralmente dedicada à história da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala — distrito do município de Itarema. Tratando-se de um templo cuja história é, segundo o próprio entrevistado, anterior e distinta da história da sede de Itarema, os enunciados desta subseção reproduzem esse relato específico, com as mesmas ressalvas metodológicas que se aplicam ao restante do texto.

Origem do nome e antiguidade de Almofala. Segundo José de Fátima Silva, o nome "Almofala" é de origem árabe ("Almoala"), significando "lugar onde se vive ou se mora por

pouco tempo". Antes de receber esse nome, a localidade era conhecida pelos próprios Tremembé como "Aldeia do Cajueiro", em razão da grande plantação de cajueiros em seus arredores. O entrevistado refuta expressamente a etimologia popular "alma que fala", que classifica como lenda sem fundamento. Existiriam cerca de doze localidades no mundo com o nome Almofala — a maioria em Portugal (a mais antiga e importante, Almofala de São Pedro, fundada em 1221; também Almofala da Beira Alta e Almofala da Beira Baixa) e outras às margens do Nilo, no Egito —, sendo a Almofala de Itarema a única existente no Brasil. Quanto à antiguidade de mais de 500 anos atribuída à localidade, o entrevistado a justifica pela passagem, em 1500 — um ano após o descobrimento do Brasil —, das caravelas dos irmãos Pinzón, que viajavam do Maranhão à Bahia; nelas estava um cronista e militar identificado como Pedro de Algéria, apontado como o primeiro a desembarcar em Almofala nesse ano. Em razão dessa história, de sua situação geográfica de dunas movediças na rota de navegadores desde o século XV, e por ali terem surgido o primeiro comércio, a primeira escola e as primeiras autoridades da região, o entrevistado qualifica Almofala como uma "porta aberta" para a civilização na região.

Catequese indígena e primeiros nichos. A catequese dos índios Tremembé de Almofala foi iniciada pelo padre João Tavares, que ali chegou em 1608, enviado pelo rei de Portugal a partir de informações fornecidas pelo arcebispo da Bahia sobre a necessidade de catequização dos nativos. Sua primeira capela foi um nicho coberto apenas com ramos. Posteriormente, com a chegada do padre José Borges Novais, em 1702 — que permaneceu 19 anos em Almofala —, formou-se o primeiro nicho de taipa, coberto com palha de coqueiro, no mesmo local onde hoje se encontra a igreja. Esse nicho foi desmanchado quando o padre obteve autorização do arcebispo da Bahia e do rei de Portugal para iniciar, no mesmo local, a construção da igreja definitiva.

Construção da igreja (1705/1707–1712). Segundo o relato — que, no próprio curso da entrevista, apresenta uma correção de data (de 1705 para 1707, sem que se possa afirmar com certeza qual delas é a mais precisa) —, a construção teve início entre 1705 e 1707 e durou cinco anos, sendo a igreja abençoada e inaugurada em 19 de outubro de 1712. Boa parte do material de construção (tijolo, telha, madeira) foi fabricada em Salvador, na Bahia, e trazida por via marítima; arquitetos vieram de Lisboa (Portugal) e da Bahia para os acabamentos finais, com o auxílio de trabalhadores locais, entre eles um pedreiro natural de Sobral. Por seu peso, o material de construção desembarcava no chamado Porto das Oficinas, em Acaraú, sendo depois transportado até Almofala em comboios de carros de boi — trajeto de até oito dias, feito à beira da praia, dependente da maré baixa para atravessar os rios. Já as imagens sacras, mais leves, desembarcavam diretamente em Almofala, no chamado Porto dos Barcos (topônimo que, segundo o entrevistado, tem mais de 300 anos), localizado nas margens do rio Aracati Mirim — que, à época, desaguava junto a Almofala, e não nos Torrões

como atualmente, tendo seu curso sido empurrado pelo avanço das dunas ligadas ao soterramento da igreja. A igreja foi erguida a cerca de 250 metros da margem desse rio.

Refutação da autoria atribuída a Dona Maria I. O entrevistado contesta expressamente uma afirmação recorrente em livros sobre Almofala, segundo a qual a igreja teria sido mandada construir pela rainha Dona Maria I de Portugal (conhecida como "a Louca"). Segundo ele, essa atribuição é cronologicamente impossível, pois a igreja foi abençoada em 1712 e Dona Maria I nasceu apenas em 1734. Segundo o relato, quem de fato ordenou a construção foi o rei Dom João V, e as cinco imagens sacras enviadas de Portugal — entre elas a de Nossa Senhora da Conceição, um crucifixo e paramentos sacerdotais — foram mandadas esculpir e remeter pela rainha Dona Mariana da Áustria, sua esposa.

Padroeira pioneira. A Igreja de Almofala, dedicada a Nossa Senhora da Conceição (padroeira também da cidade de Lisboa), é apontada pelo entrevistado como a primeira igreja do Ceará a ter uma padroeira, anterior a todas as demais igrejas do estado dedicadas a essa mesma santa.

Jesuítas e Inquisição. Os primeiros padres responsáveis por Almofala pertenciam à Ordem de São Pedro; posteriormente, chegaram os jesuítas, que ali permaneceram até serem expulsos do Brasil por ordem do Marquês de Pombal — expulsão situada pelo entrevistado, de forma internamente inconsistente com as demais datas por ele fornecidas, "por volta da quinta década do século XVI" (a expulsão dos jesuítas do Império português, historicamente, ocorreu em 1759, no século XVIII). Entre os padres que mais se destacaram em Almofala, o entrevistado cita: padre Agostinho de Castro Moura; padre Elias Pinto de Azevedo (apontado como o primeiro vigário); padre Francisco Xavier de Barros; padre Francisco Moreira de Souza; padre Manuel da Cunha; padre Bernardo Clemente da Cruz Oliveira (o mesmo que, segundo a seção 2 deste texto, ordenou a abertura dos três tanques de Itarema); padre Domingos Teixeira Alves de Abreu; padre Luís Martins dos Santos Araújo (da família Martins de Itarema); e padre Manuel Antônio dos Santos Braga.

Um caso particular é o do padre italiano Miguel Malagrida, jesuíta nascido em Milão — o entrevistado indica a data de nascimento como 10 de fevereiro de 1747, o que é internamente incompatível com a data de execução também por ele relatada —, que esteve em missão em Almofala e, ao retornar a Lisboa, foi condenado pela Inquisição a ser garroteado e queimado, na madrugada de 21 de setembro de 1761, no Largo do Rossio, em Lisboa, por ordem do Marquês de Pombal. Outro caso é o do padre Francisco Moreira de Souza, vigário de Almofala de 1800 até 27 de maio de 1816, apontado como agente do Tribunal do Santo Ofício (a Inquisição) em Almofala, ali responsável por torturas e mortes, sobretudo de indígenas Tremembé; nasceu em 22 de maio de 1745 e faleceu em 20 de janeiro

de 1818, aos 73 anos, em Sobres (atual Calcaia). Segundo o entrevistado, a Inquisição também esteve presente em Acaraú.

Frei Vital da Penha e a profecia do soterramento. Apontado pelo entrevistado como o visitante mais importante desse período mais remoto da história de Almofala, Frei Vital da Penha (popularmente chamado "Frei Vidal", por ter vindo do Seminário da Penha, no Recife) — nascido na Itália (data e demais datas relatadas para essa figura são, novamente, internamente inconsistentes entre si) — esteve em Almofala em 1797, por oito dias, ocasião em que teria profetizado o soterramento da igreja pelas dunas, evento que viria a ocorrer efetivamente um século depois. Visitou também Acaraú, Santana do Acaraú e Morrinhos, tendo caminhado a pé até Sobral.

Visitantes ilustres e refutação da lenda da Princesa Isabel. O entrevistado relata que Almofala recebeu, ao longo de sua história, um presidente da república do Brasil, presidentes de província, governadores, desembargadores, senadores do império, barões, condes e escritores. Cita a visita, em 1895, do presidente do Brasil identificado como José de Morais Barros (em exercício de 1894 a 1898), e as visitas, vindas de Lisboa, do Conde de Lisboa (1729), do Conde de Alcântara (1858) e do Conde de Almada (1793). O escritor Carlos Drummond de Andrade visitou Almofala em 1946 e assinou, no dia 10 de novembro daquele ano, a segunda reportagem já publicada sobre a igreja, em jornal do Rio de Janeiro — nela, teria escrito a frase "Eu peço aos sábios, aos poetas e aos pintores prestem atenção na igreja de Almofala", que o entrevistado associa à inspiração da escritora cearense Socorro Acioli para seu romance Oração para Desaparecer *(obra ambientada em Almofala, cuja personagem central o entrevistado relaciona à figura histórica de Joana Camelo — ver adiante). A primeira reportagem sobre a igreja havia sido publicada no jornal* A República*, de autoria de um funcionário do presidente da província do Ceará, em 1898. O entrevistado refuta expressamente a difundida tradição segundo a qual a Princesa Isabel teria visitado Almofala e trazido a imagem de Nossa Senhora da Conceição encontrada por um pajé indígena, ou ordenado a construção da igreja: segundo ele, a Princesa Isabel, nascida no Rio de Janeiro, filha do imperador Pedro II, nunca esteve no Ceará, tendo visitado apenas São Paulo (aos 15 anos) e, após o casamento com o Conde d'Eu, Pernambuco e Salvador (em escalas de viagem rumo à Europa).

O soterramento (1891–1898) e a remoção das imagens (10 de outubro de 1898). O processo de soterramento da igreja pelas dunas teria começado em 1891; em 1898, as dunas já haviam tomado a sacristia. Diante disso, moradores foram a Acaraú buscar o padre Antônio Tomás, que, por ordem do segundo bispo geral do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, foi autorizado a celebrar uma última missa em Almofala e a transferir as imagens e todo o objeto sacro para o Tanque do Meio (atual Itarema), depositando-os na capelinha de Nossa Senhora dos Navegantes, no mesmo local onde hoje está a igreja matriz — permanecendo ali por 46 anos.

O padre, acompanhado por dois membros da família Monteiro de Itarema (entre eles Luís Monteiro, de São Vicente), pernoitou em Itarema antes de seguir para Almofala. No dia 10 de outubro de 1898, ao anunciar publicamente que levaria as imagens por ordem do bispo, houve grande comoção: Joana Camelo — mulher descrita pelo entrevistado como prostituta, amigada com o indígena caboclo Pedro Duro — tentou impedir a remoção da imagem de Nossa Senhora do Rosário, fugindo com ela para trás das dunas, onde a esperavam homens armados, contratados por alguns comerciantes locais preocupados com a perda de movimento religioso e comercial caso as imagens saíssem de Almofala. O episódio resultou no que o entrevistado descreve como a primeira morte violenta registrada em Almofala, e o próprio padre Antônio Tomás foi ferido no olho por uma tamancada desferida por Joana Camelo, antes de recuperar a imagem; as autoridades locais (juiz de paz e delegado) chegaram a cogitar prender os caboclos envolvidos, mas acabaram por não o fazer, a pedido das famílias.

Restauração e retorno das imagens (1942/1943–1945). A igreja permaneceu soterrada — segundo diferentes momentos do mesmo relato, até 1943 ou até 1945 — antes de sua redescoberta gradual pela ação da própria natureza (auxiliada pela remoção de areia pelos próprios moradores, à falta de carros de mão ou tratores, muitas vezes carregada nas saias e anáguas das mulheres). A duna responsável pelo soterramento é chamada "Morro da Criminosa", por seguir avançando lentamente sobre outras propriedades (contida, quando possível, pelo plantio de capim, "ciumeiro" e mamona/carrapateira); segundo o relato, ela viria a soterrar posteriormente outras construções, entre elas uma capela erguida por uma pessoa identificada como Rita do Banca, na localidade de Alto Alegre (ou Sítio Alegre). A primeira missa após o soterramento ocorreu em 23 de janeiro de 1943, celebrada pelo padre Sabino, então vigário de Acaraú, que também coordenou a restauração da igreja (1942–1943) com apoio da Diocese de Sobral e da Arquidiocese de Fortaleza. O piso atual da igreja é, segundo o entrevistado, o quarto já assentado sobre o mesmo local; parte do material original (sobretudo telhas) foi removida por indígenas ao longo do tempo, algumas delas — segundo relato do entrevistado — trocadas por cachaça. As imagens retornaram a Almofala em procissão em 1943, conduzidas por dois frades franciscanos alemães então residentes na região. A igreja de Almofala é apontada pelo entrevistado como a segunda capela mais antiga do Ceará, superada apenas pela de Viçosa do Ceará (também erguida por jesuítas com auxílio indígena, no contexto da primeira missão do Ceará, a Missão de Ibiapaba).

Tombamento pelo patrimônio histórico. A Igreja de Almofala é tombada como patrimônio histórico — o entrevistado refere-se ao órgão responsável pela sigla "IFAN" (na grafia correta, IPHAN, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). O processo de tombamento, iniciado em 1976, concluiu-se em 1983; a primeira reforma sob responsabilidade desse órgão ocorreu entre 1983 e 1984. Desde então, qualquer intervenção no imóvel — inclusive uma

simples pintura ou a troca de uma lâmpada — depende de autorização do órgão federal de patrimônio. O entrevistado indica a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Patos (distrito de Itarema, também com mais de 100 anos e imagem trazida de Portugal, ligada à chegada da família Frederico) como outro imóvel do município merecedor, em sua avaliação, de tombamento histórico.

A lenda da "Mãe Cobra". Entre as lendas ligadas à igreja de Almofala, o entrevistado relata a "lenda da mãe cobra": uma jovem de família de origem europeia teria engravidado e, para ocultar o fato dos pais, dado à luz secretamente à noite numa lagoa próxima à igreja e ao rio Aracati Mirim, abandonando a criança, que teria se transformado em uma pequena serpente. Capturada por um pescador que relatou o caso ao padre, a serpente teria entrado na igreja durante uma missa em busca da mãe, que, a mando do sacerdote, a amamentou diante da congregação. O próprio entrevistado classifica essa narrativa expressamente como lenda, e não como história factual — uma das 27 lendas do município que, segundo relata, transformou em literatura de cordel de sua autoria.

O roubo das imagens: detalhes adicionais. Complementando o que já foi registrado na seção 15.2 deste texto sobre a Lagoa da Capivara, o entrevistado acrescenta que o furto das imagens (Nossa Senhora do Rosário, São Miguel Arcanjo e Nossa Senhora da Conceição) gerou repercussão nacional e internacional, tendo a Interpol chegado a atuar no caso, sem que os autores fossem identificados até a data da entrevista. Como opinião pessoal — explicitamente apresentada como tal, sem base documental —, o entrevistado especula que os autores do furto seriam moradores da própria região, desconhecedores do real valor histórico das imagens, e que teriam agido supondo tratar-se de "santos de pau oco" — estrutura piramidal de madeira vestida de batina, historicamente usada para contrabandear ouro de Minas Gerais para Portugal, com exemplares hoje expostos no Museu Sacro do Recife, que o entrevistado diz ter visitado pessoalmente. Segundo o relato, as imagens foram encontradas enterradas em uma cova rasa próxima à localidade de Carnaúba (Itarema) por um trabalhador rural, envoltas em uma lona amarela; a imagem de Nossa Senhora do Rosário havia sido quebrada e foi posteriormente restaurada no Rio Grande do Norte. O trabalhador, temendo ser incriminado, manteve segredo por oito dias antes de contar à esposa, que relatou o caso ao pai dela, que por sua vez levou a informação ao padre Oliveira e a João Silveira, em Itarema; a polícia foi acionada, as imagens recuperadas e encaminhadas à delegacia de Acaraú, depois ao IPHAN em Fortaleza e, por fim, ao Rio Grande do Norte para restauração. O entrevistado estima o valor histórico atual de cada imagem em cerca de R$ 1 milhão ou mais. Desde então, as imagens permanecem protegidas por vitrines de vidro inquebrável, por determinação do IPHAN. Uma lenda segundo a qual uma das imagens teria "retornado sozinha" ao local de onde fora retirada é também classificada pelo entrevistado como lenda, sem base factual.

Precedência sobre Aquiraz e primeira escola do Ceará. Em depoimento posterior, o entrevistado reforça a tese de que a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala foi a primeira igreja do Ceará a ter uma padroeira, contrapondo-se a quem atribui essa primazia à cidade de Aquiraz: embora Aquiraz tenha sido fundada por Portugal em 1699 — antes, portanto, da fundação de Almofala —, sua igreja só teria sido abençoada em 1713, um ano depois da bênção da igreja de Almofala (1712). O mesmo depoimento atribui a Almofala também o surgimento do primeiro núcleo educacional do Ceará: a primeira escola do estado teria sido registrada ali em 1766, por ordem de Vitoriano Borda da Fonseca, então presidente da província do Ceará, que enviou um soldado alfabetizado, natural do Aracati, para ensinar a ler tanto os filhos dos indígenas Tremembé quanto os filhos dos colonos residentes na localidade.

A lenda do iate do Porto dos Barcos. Ainda segundo esse depoimento, o Porto dos Barcos — ponto de desembarque das imagens sacras vindas de Portugal (ver acima) — já tinha esse nome havia mais de 300 anos, inclusive antes da construção da igreja, e reúne uma lenda própria, a "lenda do iate do Porto dos Barcos", associada ao desembarque das cinco imagens trazidas de Lisboa e ao seu transporte por carro de bois até Almofala.

5.9 Vigário e pároco: uma distinção histórica

Conteúdo acrescentado pela terceira entrevista. José de Fátima Silva explica que, no regime histórico da Igreja Católica em Itarema e Almofala, o vigário era nomeado pelo bispo para exercer o cargo por toda a vida, dele só se afastando por morte — como ocorreu com o primeiro vigário colado da Paróquia de Itarema (o padre Aristides, cujos 45 anos de exercício já constam da seção 5.6 deste texto). Já o pároco, regime adotado posteriormente, é nomeado pelo bispo por períodos originalmente de seis anos, prorrogáveis ou não conforme a avaliação da comunidade paroquial; o primeiro pároco de Itarema foi o padre José Walter (citado na seção 5.6 como padre José Valter da Costa).

6. Cultura indígena: o torém

José de Fátima Silva relata ter tido acesso a um registro escrito pelo padre Antônio Tomás, testemunha de uma apresentação do torém pelos antigos Tremembé, no início do século XX. O torém é descrito como uma das primeiras manifestações culturais indígenas do município, ainda hoje praticada, inclusive na Escola Diferenciada de Almofala, sob orientação do cacique João Venâncio — escola que, segundo o relato, recebe também alunos não indígenas. Tradicionalmente, o torém era realizado entre outubro e dezembro, período da safra do caju, cujo fermentado (mocororó) era a bebida associada ao ritual. O entrevistado cita, como uma das últimas realizações tradicionais de que tem memória, apresentação conduzida por uma indígena identificada como tia Chica, da Lagoa Seca, cujos parentes citados são o irmão Zé Pedro e a filha (mãe do cacique João Venâncio).

7. Educação

A primeira iniciativa educacional na sede de Itarema é atribuída a João Saldanha (referido também como "Lira" ou "Limeira"), migrante da seca proveniente da região do Seridó (Rio Grande do Norte), que se instalou no local em 1776 e iniciou suas aulas em 1777, em uma casa de barro coberta de palha erguida na localidade então chamada Alto da Amargura — a primeira construção residencial da sede, segundo o relato. Além de alfabetizar crianças carentes, João Saldanha promovia a Dança de São Gonçalo e fundou uma irmandade católica leiga denominada "Irmão das Almas". Em depoimento posterior, o entrevistado esclarece que essa escola, embora fosse a primeira gratuita da sede, foi cronologicamente a segunda escola do povoado: a primeira teria sido a escola remunerada do Riacho, mantida pelo juiz de paz Raimundo Silvestre da Costa Paixão.

Escolas isoladas, mantidas por mães de família, também são registradas: a exemplo de Marta Maria de Souza Rios (conhecida como "Marieta Rios"), esposa de José Fernandes de Souza, que, no início do século XX, abriu uma escola na praia do Guajiru voltada a crianças sem condições financeiras. No Riacho e na Barra do Riacho funcionaram escolas mantidas, entre outros, pelo juiz de paz Raimundo da Costa Paixão.

No final do século XIX, o governo do Estado do Ceará enviou duas professoras diplomadas para o distrito: a primeira lecionou na residência de Luís Monteiro, na localidade de São Vicente; a segunda instalou-se onde residia José Anastácio dos Reis. Em depoimento posterior, o entrevistado nomeia como primeiros dois professores do ensino primário completo do distrito Francisco Lopes de Araújo — pago pelo governo estadual, vindo de Fortaleza, que lecionou em São Vicente — e uma segunda pessoa (cujo nome não recordou com precisão) que veio lecionar na sede; refere ainda professores anteriores a esses dois, de formação mais informal, das famílias Cazuza (no Riacho) e Martins. Após a saída dos professores vindos de Fortaleza, a docência na sede foi mantida por Dona Casquinha (mãe do Dr. Manuel Messias), seguida por Dona Ieda Rios, tia Rita Brandão e outras professoras locais, entre elas Dona Marlene Aguiar.

Somente em meados do século XX foi construída a primeira escola pública estadual da sede, denominada "Marieta Rios". Segundo depoimento posterior, essa escola foi inaugurada em 1949 sob o nome de "Escolas Reunidas de Itarema" (ensinando da alfabetização até o quarto ano do primário), passou depois a ser chamada Escola Barroso e, na primeira gestão do prefeito Dedé Rios, recebeu o nome atual, Escola de Ensino Fundamental Marieta Rios, em homenagem a Marta Maria de Souza Rios — irmã de João Batista Rios, tia de Dedé Rios e esposa de José Fernandes de Souza. Esse mesmo depoimento explica que, até meados do século XX, não se exigia formação superior para o exercício do magistério, bastando o domínio da leitura, da escrita, das quatro operações aritméticas e dos pontos cardeais; a partir de

então, formaram-se sucessivas turmas de professoras "normalistas" (curso popular de formação docente, originalmente restrito a mulheres, cursado após o quinto ano de admissão), sendo a primeira turma de normalistas de Itarema formada no mesmo dia da ordenação do padre Aristides Andrade Sales, em Acaraú — 27 de novembro de 1949. O entrevistado credita ao professor Marcos, ainda vivo à data dessa entrevista, o título de primeiro professor com formação universitária a lecionar no município, situação que perdurou até a chegada do próprio entrevistado para residir em Itarema, em 1993.

João Batista Rios, primeiro membro da família Rios a se estabelecer em Itarema, é apontado como o primeiro funcionário público federal do distrito e porta-voz do jornal *O Acaraú*; ele teria sido pioneiro em enviar os próprios filhos para estudar fora, por via marítima, em Fortaleza.

José Fernandes de Souza, além de industrial, comerciante e político (ver também seções 2, 10 e 16), é descrito, em depoimento posterior, como anfitrião de padres e bispos de passagem pela região — entre eles a equipe de padres "considerados santos" que, por volta de 1930 (data que diverge da indicada na seção 5.5 deste texto, 1934–1935), realizou a primeira missão religiosa em Itarema.

Dedé Rios, primeiro prefeito eleito de Itarema após a emancipação, é apresentado como responsável pela construção de escolas na sede e em todo o território municipal, sendo por isso chamado pelo entrevistado de "pai da educação de Itarema".

8. Geografia

O município de Itarema possui, segundo o entrevistado, 720 km² de área — extensão superior à do município de Acaraú, do qual se emancipou. É banhado pelo rio Aracati Mirim, que atualmente deságua na localidade dos Torrões; até o final do século XIX, o mesmo rio desaguava na praia de Almofala, tendo seu curso sido alterado pelo avanço de dunas provocado pelo soterramento progressivo da igreja de Almofala. O território não possui serras, caracterizando-se por dunas e elevações de baixa altitude, além de córregos, lagoas, riachos e açudes. Limita-se com o município de Amontada (separado pelo rio Aracati Mirim), com o oceano Atlântico e com o município de Acaraú.

9. Economia

9.1 Período histórico (final do século XIX e início do XX)

As principais atividades econômicas identificadas para esse período são o cultivo da mamona (carrapateira), destinada à produção de óleo; a comercialização do peixe seco, vendido a outras regiões do Baixo Acaraú e do Ceará; e, em menor escala, a produção de coco.

9.2 Economia contemporânea (à data da entrevista)

O entrevistado destaca a pesca (peixe, lagosta e camarão) como base econômica relevante, ao lado do comércio, descrito como mais dinâmico e constante ao longo da semana do que o de Acaraú. Também menciona a indústria da carnaúba — cuja matéria-prima, por não haver produção suficiente localmente, é adquirida em outros estados (Piauí, Maranhão, Rio Grande do Norte) para beneficiamento em Itarema —, além da produção de coco e da exportação de atum.

10. Comércio e indústria

O primeiro estabelecimento comercial da sede é atribuído a José Anastácio dos Reis, próximo ao local onde hoje se encontra a Igreja Matriz. Seguiram-se os comércios de José Fernandes de Souza, Norberto Rios e Zé Mauro (ambos da família Rios).

A primeira farmácia da sede pertenceu a Sebastião Cajazeira, seguida pela farmácia de Expedito Boa Sorte; o subprefeito Elias Santana também manteve farmácia.

No setor industrial, são citadas fábricas de gelo e o beneficiamento de coco, camarão e carnaúba. Binu Monteiro é apontado como industrial de destaque. Historicamente, houve produção de cachaça em engenhos de propriedade de João Batista Rios, José Maria Monteiro, José Fernandes de Souza e Binu, com rótulos reconhecidos pela Secretaria de Agricultura do Estado do Ceará — entre eles as marcas "Marcelândia" e "Deliciosa".

11. Transporte

Os meios de transporte mais antigos identificados no relato são o jumento, o carro de boi, o cavalo e as embarcações de pequeno porte (jangada, canoa), usadas em trajetos entre Itarema e Acaraú.

O primeiro veículo automotor do distrito, apelidado "Xaxado" (em referência ao som que produzia sobre as estradas de areia, comparado à música do mesmo nome, associada aos cangaceiros de Lampião), pertenceu a José Fernandes de Souza e entrou em circulação entre 1951 e 1952 — em depoimento posterior precisado como dezembro de 1951. Tratava-se de um caminhão da marca Chevrolet, comprado nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial, que fazia a linha entre Itarema e Fortaleza: em condições normais, a viagem de ida e volta durava de três a quatro dias, podendo se estender a cerca de 15 dias em caso de atoleiro ou quebra do veículo, dado o estado precário das estradas da época. O entrevistado guarda uma fotografia do veículo original e uma miniatura por ele encomendada ao senhor Antônio Jairo. Outros primeiros proprietários de veículos citados são José Pinheiro, Magno, Adonias Alves, Joaquim Rufino (de Almofala), Antônio Alves (pai de Landri), Geraldo Magalhães Rios, Antônio Aires, o padre Aristides e Beija Carneiro (avô de Carlinhos Beija) — a que depoimento posterior acrescenta Chico Sousa e Francisco Magno ("Chico Magno"), este último na localidade de Santo Antônio. Por ocasião do primeiro levantamento realizado pelo

então prefeito eleito Dedé Rios — em depoimento posterior situado em 1º de janeiro de 1986, data de sua posse —, contabilizaram-se apenas 27 veículos automotores entre a sede e o interior do município.

O primeiro transporte coletivo regular foi o ônibus da empresa Redenção, que passou a atender o trajeto Fortaleza–Itarema (via Acaraú) a partir de novembro de 1965, com duas viagens; a partir de 1966, a linha foi estendida até Almofala. A agência funcionava na residência do finado Antônio Barbosa. A Redenção operou por cerca de 40 anos, sendo sucedida por serviços de fretamento e, posteriormente, pela empresa Guanabara.

O transporte marítimo histórico incluía canoas, botes e barcos a vela, ligando Itarema a Fortaleza, Paracuru e outras localidades litorâneas, além de rotas para os estados do Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte. João Batista Rios é citado como pioneiro em utilizar esse meio para enviar seus filhos aos estudos em Fortaleza.

12. Saúde

A assistência à saúde em Itarema teve origem, segundo o relato, em rezadeiras, parteiras tradicionais e guardas do serviço de combate a endemias então conhecido popularmente como "SUCAM" (antigo "mata-mosquito"), que, além de suas funções sanitárias, chegavam a auxiliar partos e ensinar remédios caseiros.

O primeiro médico a atender no distrito foi o Dr. Nelson de Andrade Sales, irmão do padre Aristides. A primeira parteira diplomada foi Dona Nazaré Sales (mãe de Dona Helena, esposa de Aurélio), formada pela Escola São Vicente, em Fortaleza, sendo também a primeira parteira diplomada do município de Acaraú antes de se radicar em Itarema.

Dona Francisca [Sales] Regadas, que se estabeleceu em Itarema em 1969, é apontada como fundadora da primeira maternidade/hospital do distrito, inicialmente instalada em sua própria residência (em condições precárias, incluindo o uso improvisado de cestos de cipó como berços) e posteriormente transferida para um terreno doado por Paulo Filó, próximo à localidade da CAJE. O primeiro médico plantonista dessa instituição foi o Dr. Chaves (identificado, em depoimento posterior, como Dr. Francisco Chaves), de Acaraú. Em depoimento posterior, o entrevistado atribui a Dona Francisca Regadas o título de "mãe das mães de Itarema", relata que o hospital funcionava com convênio com os governos estadual e federal, apesar de sua natureza privada, e informa que a instituição foi desativada no ano 2000 — ainda em vida de sua fundadora, quando a direção já havia sido assumida por sua enfermeira, Dona Socorro —, o que diverge da informação, também fornecida pelo entrevistado em outro momento, de que a desativação teria ocorrido apenas com o falecimento de Dona Francisca. Nessa mesma entrevista posterior, atribui-se à administração de Dedé Rios, primeiro prefeito de Itarema, a construção do primeiro hospital público do

município. A neta de Dona Francisca, Janaína, dá continuidade a iniciativas assistenciais, incluindo atendimento médico trazido de Fortaleza, ações sociais natalinas e manutenção de biblioteca comunitária.

O entrevistado também cita, sem identificação nominal precisa, o primeiro farmacêutico do distrito (que realizava pequenas cirurgias e prescrições) e, na sequência, Raimundo Tavares. É mencionado ainda o médico Edson (Edit) Urbano, casado com Dona Eli e pai de Mila, e o médico Tarcísio, radicado em Almofala, proveniente da região de Santa Fé dos Paus Brancos, que trabalhou ao lado do finado Chico Sousa.

13. Energia elétrica

O fornecimento de energia elétrica em Itarema teve início a partir de um motor particular instalado em um cômodo do imóvel comercial de José Fernandes de Souza — espaço que, mais tarde, abrigaria o Conselho Tutelar do município. A iluminação, restrita ao centro da cidade, funcionava das 18h às 21h/21h30, horário sinalizado por apitos. Outros proprietários de motores particulares de iluminação eram o padre Aristides e João Elias Brandão.

A energia elétrica de concessionária (COELCE, atual Enel) chegou ao município em 1975. Sob a gestão de Dedé Rios, primeiro prefeito de Itarema, a rede elétrica foi ampliada para a totalidade do território municipal.

14. Correios

A agência dos Correios foi instalada em Itarema em 1953 — sendo, à data da entrevista, o décimo endereço ocupado pela agência dentro da sede municipal. Sua implantação é atribuída a João Batista Rios, que a obteve diretamente do Rio de Janeiro por intermédio do general Landri Sales, à época presidente nacional dos Correios e seu amigo pessoal. O entrevistado ressalta tratar-se de agência oficial, distinta de postos informais de distritos vizinhos.

Na segunda entrevista, o relato é detalhado: a amizade decisiva teria sido, mais precisamente, entre João Batista Rios e o pai do general Landri Sales; a agência incluía originalmente um serviço de telégrafo, extinto em 1970, quando passou a funcionar somente como agência postal; por ocasião da instalação, João Batista Rios e sua esposa, Dona Natércia, ofereceram um almoço à comitiva vinda do Rio de Janeiro; o primeiro carteiro da agência também veio do Rio de Janeiro, indicado pelo próprio general Landri Sales; e João Batista Rios — apontado como o primeiro funcionário público federal de Itarema — recebeu o título honorífico de "Coronel", concedido pelo jornal *O Acaraú*. O general Landri Sales é apresentado, nessa mesma entrevista, como um dos três generais naturais do município de Acaraú, ao lado do general Raimundo Sales (relacionado à família Andrade Sales, à qual pertencia o padre Aristides) e do general Humberto Moura, da família Moura.

Ainda segundo esse relato, João Batista Rios trabalhou também no Farol do Itapajé, erguido em Itarema desde 1909 e posteriormente desativado e retirado — fato que o entrevistado lamenta como perda de patrimônio histórico municipal —, e no farol de Jijoca de Jericoacoara.

15. Cultura, folclore e cemitérios

15.1 Manifestações culturais

José de Fátima Silva relata o desaparecimento de diversas manifestações culturais que, segundo ele, caracterizavam Itarema no passado: o reisado, o drama popular, a leitura de literatura de cordel em serões domésticos, a narração de "histórias de Trancoso", a Dança de São Gonçalo, a dança do coco e a dança do caranguejo. Entre as manifestações atuais, distingue o carnaval — que não considera parte da cultura tradicional local — e a quadrilha junina, que, em sua avaliação, se transformou de manifestação popular simples ("quadrilha matuta") em competição elaborada, distanciada da tradição original. O próprio entrevistado afirma ter ensinado três quadrilhas tradicionais em 1993, na escola atualmente denominada "Padre Aristides Andrade".

José de Fátima Silva atribui a si a autoria de obras de cordel — entre elas "O Difunto que Foi Proibido de Ser Sepultado no Cemitério de Itarema" e um "romance de gracejo" intitulado "A Reclamação das Almas do Cemitério de Itarema" —, além de parlendas e trovas. Também é autor do livro *Almofala, Relicário de Lembranças*, sobre a história de Almofala (vendido, segundo depoimentos posteriores, por R$ 30 ou por R$ 20, conforme a ocasião — divergência aqui registrada). Declara ter identificado 27 lendas e quatro relatos de natureza sobrenatural pertencentes à tradição oral do município — entre elas, segundo uma terceira entrevista, a "lenda da mãe cobra", ligada à igreja de Almofala (ver seção 5.8) —, tendo transformado essas lendas em literatura de cordel; nessa mesma entrevista, declara ter escrito ao todo 700 cordéis de sua autoria, ao passo que, em depoimento posterior, menciona a cifra de mais de 500 cordéis escritos, dos quais 13 publicados (divergência numérica também aqui registrada, sem que se possa precisar qual das duas cifras é a mais atual). Registra que a primeira turma de curso superior de História formada por naturais de Itarema data de 1969 (49 formandos, segundo a primeira entrevista, ou aproximadamente 50, segundo a terceira) e que, à data da entrevista, o município contava com mais de 300 pessoas formadas em História, das quais nenhuma, segundo ele, dedicava-se à pesquisa histórica sistemática do município.

Em depoimento posterior, o entrevistado hierarquiza as três lendas que considera mais relevantes para a história de Itarema — todas já dramatizadas em escolas, inclusive pelo próprio entrevistado, na década de 1990, na Escola Marieta Rios: em primeiro lugar, a lenda do "Pai do Mangue", ligada aos Tremembé de Almofala; em segundo lugar, a lenda da "Mãe Cobra" (ver seção 5.8); e, em terceiro lugar, a lenda da "Mulher de Branco", da localidade de

Sítio Alegre. A maior parte das 27 lendas catalogadas teria origem em Almofala, havendo também lendas de Itarema-sede e de outras localidades do município. Quanto às quatro histórias de natureza sobrenatural mencionadas acima, o entrevistado as identifica como: uma cruz do cemitério de Itarema que teria suado, em episódio testemunhado por diversas pessoas; uma catacumba (atribuída a Rosa Monteiro) que exalava cheiro de flores; uma catacumba da qual teria jorrado sangue; e uma pequena imagem de santo, na Igreja de Santo Antônio (localidade de Santo Antônio), que também teria suado.

15.2 Lagoas e topônimos locais

Entre os acidentes geográficos de relevância na tradição local citam-se a Lagoa Seca — antigo ponto turístico e de lazer — e a Lagoa do Pecado, cujo nome, segundo o relato, deriva de mudança em seu uso social: originalmente frequentada por moças e senhoras casadas da sede, passou a ser buscada por profissionais do sexo, levando ao afastamento das primeiras frequentadoras e à consolidação do topônimo. É também mencionada a Lagoa da Capivara, indicada pelo entrevistado como o local onde teriam sido enterradas imagens sacras da igreja de Almofala após um episódio de furto (para detalhes adicionais sobre esse episódio, fornecidos em depoimento posterior — incluindo a localização mais precisa do achado, próxima à Carnaúba, e não exatamente na Lagoa da Capivara —, ver seção 5.8), e a Lagoa da Água Preta.

Em depoimento posterior, o entrevistado esclarece a origem de outros dois topônimos do município. A comunidade do Gargo (ou "Garguê") deriva seu nome de uma palavra de origem tupi-guarani que significa "voz de sapo", em referência ao canto dos batráquios, tradicionalmente associado à proximidade da chuva. Já a praia do Guajiru, também historicamente chamada "Praia da Barra" (por sua ligação com o Porto do Barco e com Almofala), teria recebido a alcunha popular, hoje pouco usada, de "Mulher de Areia": segundo o relato, essa denominação surgiu quando uma equipe de televisão do Rio de Janeiro, em visita à região por ocasião da novela homônima, fez erguer na praia uma escultura de areia representando uma mulher da cintura para cima — episódio pontual, sem registro oficial, que não alterou definitivamente o nome do local.

15.3 O caso do leproso não sepultado (1915) e o cemitério da sede

O entrevistado relata o caso de um homem da família Barros, falecido em 1915 em decorrência de hanseníase ("lepra"), que, por força de norma religiosa da época que vedava a inumação de portadores da doença em solo consagrado, não pôde ser sepultado no cemitério da sede — decisão atribuída à intervenção do próprio José Fernandes de Souza, então jovem, ainda antes de completar vinte anos. O corpo foi sepultado em local isolado, posteriormente desativado. José de Fátima Silva colheu esse relato de uma testemunha da

época (mulher já falecida) e de outras pessoas idosas do município, hoje também falecidas, e o transformou em obra de cordel.

Quanto ao cemitério da sede — sem nome de uso corrente entre a população —, o entrevistado localizou documentação segundo a qual foi abençoado em 1942 pelo padre Sabino, com a denominação de "Cemitério de Nossa Senhora dos Navegantes".

15.4 Cemitério dos Patos

No distrito de Patos, um primeiro cemitério foi construído em 1870, cercado por muro de alvenaria de largura registrada pelo entrevistado a partir de fotografias tiradas por ele mesmo cerca de 25 anos antes da entrevista, quando a estrutura já se encontrava abandonada e tomada pelo mato. Esse cemitério recebeu, segundo o relato, o nome de Dr. Antônio Frederico Rodrigues de Andrade, tio do padre Aristides. Na gestão do padre Aristides como prefeito de Acaraú (1973–1977, período em que Itarema ainda era distrito daquele município), foi construído um novo cemitério em Patos, e o antigo foi definitivamente desativado. Em depoimento posterior, dedicado à igreja de Almofala, o entrevistado indicou a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Patos — com mais de cem anos, erguida a partir da chegada da família Frederico, e cuja imagem também teria sido trazida de Portugal — como outro imóvel do distrito que, em sua avaliação, mereceria tombamento como patrimônio histórico (ver seção 5.8).

15.5 Instituições museológicas e biblioteca

Conteúdo acrescentado pela segunda entrevista. José de Fátima Silva relata ter fundado, a partir de uma coleção pessoal de discos de vinil e outros objetos coletados a partir de 1993 — em parte por meio de permuta com moradores do interior do município —, o Museu Padre Aristides Andrade Sales, criado em sua própria residência em 1999 e registrado em cartório (Cartório do Primeiro Ofício de Acaraú) em 2 de agosto de 2005, em nome de seu neto, Daniel Carlos Garcez Nascimento. O acervo, que chegou a somar cerca de 12 mil peças (entre discos, instrumentos musicais, peças indígenas, mobiliário e objetos domésticos antigos, incluindo uma peça do engenho de Almofala, fundado em 1850), sofreu perdas por furto e por infiltrações de água ao longo do tempo.

Em 7 de maio de 2004, José de Fátima Silva doou ao município de Itarema parte desse acervo (cerca de 5.500 peças), durante a gestão do prefeito Dedé Rios. Para abrigar a doação, a prefeitura construiu um novo prédio no centro da cidade, o Museu Vicente de Paula Rios — museu público municipal —, inaugurado em 20 de dezembro de 2004, com a presença do então governador do Ceará, Lúcio Alcântara, e de deputados estaduais, entre eles João Jaime Neto. O nome do museu homenageia Vicente de Paula Rios, engenheiro civil, irmão do prefeito Dedé Rios, radicado em São Luís (MA), que também doou o imóvel utilizado posteriormente como sede da Biblioteca Pública Municipal de Itarema, nos fundos do museu.

José de Fátima Silva foi o primeiro diretor do Museu Vicente de Paula Rios, cargo que exerceu por 15 anos, até o início da administração do prefeito Eliseu Monteiro.

José de Fátima Silva é também fundador do Museu Padre Antônio Tomás, em Acaraú — instalado na casa de um parente do padre homônimo e inaugurado em 31 de julho de 2013 —, e fundador e diretor da Biblioteca Comunitária Padre Aristides Andrade Salles, em Itarema. Segundo depoimento posterior, aposentou-se da direção do Museu Vicente de Paula Rios aos 65 anos de idade, em 2019.

Em sua residência, mantém desde 2012 — ano do centenário de nascimento de Luiz Gonzaga — um memorial dedicado ao músico, o Memorial Luiz Gonzaga, inspirado por uma visita ao museu dedicado ao cantor na cidade de Exu (PE), com peças que, segundo declara, pertenceram à família do artista. Em 2025, concluiu, no mesmo espaço, uma livraria batizada Livraria Cultura, voltada a incentivar a leitura entre crianças e jovens, onde comercializa seus próprios livros e cordéis, além de livros infantis, história em quadrinhos e outros títulos. Declara ter escrito, ao todo, cerca de 60 livros sobre a história de Itarema e de Almofala, dos quais nenhum foi publicado comercialmente — sendo apenas reproduzidos em cópias avulsas para venda —, com exceção de sua primeira obra publicada, de poesia, intitulada *Miscelânea Poética* (publicada, segundo depoimento posterior, em 2005). Sobre o livro *Tanque do Meio a Itarema*, relata terem sido tiradas 1.000 cópias, a um custo total então informado como R$ 10.700, com apoio, segundo menciona, de recursos identificados como "Lei Aldir Blanc"; à data dessa entrevista, a publicação formal do livro seguia pendente por falta de recursos, tendo sido aventada, no próprio programa, a ideia (não confirmada como executada) de uma campanha de arrecadação para viabilizá-la. Em depoimento posterior, o entrevistado menciona ainda ter escrito um outro livro, intitulado *Hoje Só Resta a História*, reunindo fotografias e relatos de construções e locais historicamente relevantes de Itarema hoje desaparecidos — entre eles, lamenta, a antiga primeira casa de alvenaria da sede (hoje em ruínas) e a desativação, à data dessa entrevista, tanto do museu municipal quanto da Biblioteca Pública Municipal, cujo prédio (ao lado do museu) é apontado, ao lado da residência de João Elias Brandão, como um dos poucos imóveis antigos ainda preservados na sede do município.

16. Organização político-administrativa e emancipação

Segundo o relato, a vida política do distrito de Itarema (criado em 1890) somente teve representação local a partir de 1920; entre 1890 e 1920 não houve candidatos naturais do distrito para os cargos eletivos que o representavam junto à Câmara Municipal de Acaraú. O primeiro vereador local foi Adonias Alves, eleito por três mandatos. Membros da família Rios e José Mauro também exerceram mandatos de vereador e a presidência da Câmara de Acaraú em representação do distrito. Em depoimento posterior, o entrevistado acrescenta a essa

lista de vereadores da Câmara de Acaraú que, ao longo do tempo, representaram o distrito de Itarema (antes da emancipação): José Maria Monteiro, Raimundo Rodrigues (de Carvoeiro), Raimundo Cacau (da localidade do Touro), Pedro Penha (também presidente da câmara em determinado momento), Ieda Rios, Tarcísio (de Almofala), Jandira e o próprio Dedé Rios, que exerceu a vereança por Acaraú antes de tornar-se o primeiro prefeito de Itarema.

Paralelamente ao sistema de vereadores, vigorou um regime de subprefeitos indicados diretamente pela prefeitura de Acaraú, entre os quais são citados: Elias Santana (indicado pelo padre Aristides), José Mauro (indicado por João Batista Rios), José Fernandes de Souza — a quem o entrevistado atribui, entre outras realizações, a construção do "barracão", posteriormente convertido em mercado municipal de Itarema — e um subprefeito não identificado com precisão pelo entrevistado, sogro de Antônio Jairo e pai de Dona Liduína, cuja indicação ocorreu durante a gestão do padre Aristides como prefeito.

A emancipação política de Itarema ocorreu em 1985. No mesmo ano, em 15 de novembro, realizaram-se as primeiras eleições municipais para prefeito e vereadores. Foi eleito primeiro prefeito de Itarema Dedé Rios, tendo como vice-prefeito José Maria Monteiro — apontado, em depoimento posterior, como o primeiro vice-prefeito de Itarema, que viria a ser eleito, posteriormente, terceiro prefeito do município. O primeiro presidente da Câmara Municipal foi o Dr. Manuel Messias; o segundo, "Magão" (Osmar Monteiro), assumiu a presidência em circunstâncias vinculadas a determinações judiciais para a posse do prefeito, do vice-prefeito e da própria Câmara. Em depoimento posterior, o entrevistado esclarece essa sucessão: Magão teria sido, na verdade, o vereador mais bem votado da primeira eleição, mas uma determinação judicial da época exigia que o vereador mais votado fosse o responsável por empossar formalmente o prefeito, o vice-prefeito e os demais vereadores — impedindo-o, por essa razão, de assumir de imediato a presidência —, cargo que coube, assim, ao Dr. Manuel Messias, sendo Magão o segundo presidente da Câmara. O mesmo depoimento informa que o primeiro mandato de Dedé Rios como prefeito durou apenas três anos (1986 a 1988), e não quatro como os mandatos seguintes, em razão de ajuste ao calendário eleitoral então em curso no município de Acaraú.

Em depoimento posterior, o entrevistado relaciona os vereadores que integraram a primeira Câmara Municipal de Itarema, eleita em 1985: Francisco Carneiro da Guia (conhecido como "Didi", filho do "Didi do padre", do Córrego da Volta, e pai de Dona Fátima Santana); o Dr. Manuel Messias; "Magão"; o já falecido Neto Pereira; o vereador Rosana (ou Vitor) Marques Francisco, de Carvoeiro; e Dedé Santana. Uma mulher, Laurita Júnior, também integrou essa primeira Câmara, mas renunciou ao cargo ainda no primeiro semestre do mandato, sendo substituída por Colômbia Bezerra, que exerceria por diversas vezes o cargo de vereador e a presidência da Câmara.

16.1 Uma primeira tentativa de emancipação, em 1963

Conteúdo acrescentado pela segunda entrevista. Segundo José de Fátima Silva, Itarema teve uma primeira emancipação política em 1963, no governo estadual de Virgílio Távora, viabilizada pela amizade pessoal do padre Aristides — então vigário colado de Itarema havia vários anos, cargo no qual permaneceu ao todo por 45 anos — com o governador. Essa emancipação de 1963 não foi exclusiva de Itarema, tendo alcançado outros municípios cearenses no mesmo ano. Com a instauração do regime militar em 1964, contudo, a lei de emancipação foi revogada, e Itarema retornou à condição de distrito de Acaraú, situação que se manteve por 22 anos, até a emancipação definitiva. Segundo o relato, a lei de emancipação definitiva de Itarema foi sancionada em 5 de fevereiro de 1985 — precedendo, portanto, as eleições municipais de 15 de novembro do mesmo ano. Entre as pessoas apontadas como relevantes na luta pela emancipação de Itarema estão o padre Aristides, Dona Jandira (mãe do prefeito José Maria Monteiro), diversos vereadores da época, o Dr. Manuel Messias e Dedé Rios, com apoio da família Rios em geral.

16.2 Distritos de Itarema, ontem e hoje

Conteúdo acrescentado pela segunda entrevista. Segundo o relato, por ocasião da primeira emancipação (1963), o então recém-criado município de Itarema reunia os distritos de Santa Fé dos Paus Brancos, Juritianha, Santo Antônio, Patos, Carvoeiro e Almofala, além de Olhos d'Água. À data da segunda entrevista, o município de Itarema contava apenas com três distritos, além da sede: Córrego da Volta, criado pelo vereador conhecido como "Didi" (também identificado como "Carneiro da Guia"); Almofala, recriado (pela quinta vez, ver seção 2.2) pelo Dr. Manuel Messias; e Carvoeiro, criado pelo vereador identificado como Osana ou Vitor Marques, da família Marques.

16.3 A vida política do distrito antes da emancipação

Conteúdo acrescentado pela segunda entrevista. José de Fátima Silva relata que a história política de Itarema teve início no final do século XIX e início do século XX. Segundo ele, 13 vereadores (já falecidos) chegaram a governar o então distrito de Itarema antes da emancipação de 1985, enquanto outros 13 vereadores (também já falecidos) integraram a Câmara Municipal de Itarema já após a emancipação — dado apresentado de forma genérica, sem que o entrevistado tenha detalhado a relação nominal completa nessa entrevista.

16.4 Emancipações comparadas no Baixo Acaraú

Conteúdo acrescentado pela segunda entrevista. O entrevistado situa a emancipação de Itarema no contexto mais amplo das emancipações municipais da região do Baixo Acaraú: os municípios de Cruz e de Bela Cruz emanciparam-se de Acaraú, assim como Itarema; já os municípios de Morrinhos e de Marco emanciparam-se de Santana do Acaraú — que, por sua vez, é um desmembramento de Acaraú. Em uma analogia genealógica proposta pelo próprio

entrevistado, Sobral seria "avó", Acaraú "filha" e Itarema "neta"; nessa mesma lógica, Morrinhos e Marco seriam "bisnetos" de Sobral.

16.5 Figuras políticas de destaque, segundo o entrevistado

Conteúdo acrescentado pela terceira entrevista. Ao ser questionado sobre três pessoas de Itarema por quem nutre maior admiração, José de Fátima Silva citou: José Maria Monteiro, já referido nas seções 2 e 16 deste texto como vice-prefeito de Itarema; o padre Aristides Andrade Sales, de quem se declara admirador apesar de reconhecer que parte da população o avalia de forma negativa, e a quem atribui, além da fundação da paróquia e da Igreja Matriz (seção 5), o mérito de ter viabilizado a emancipação política de Itarema (seção 16.1) e a construção da primeira estrada asfaltada de acesso ao município; e o Dr. Manuel Messias, ainda vivo à data dessa entrevista, apontado como o primeiro vereador a exercer a presidência da Câmara Municipal de Itarema após a emancipação, tendo também ocupado por diversas vezes os cargos de vice-prefeito e de presidente da Câmara. Nessa mesma entrevista, é mencionado que a administração municipal em exercício era a do prefeito Eliseu Monteiro.

16.6 Uma tentativa frustrada de emancipação política de Almofala

Conteúdo acrescentado por depoimento posterior. Segundo José de Fátima Silva, houve, no passado, uma tentativa frustrada de emancipação política de Almofala como município autônomo, iniciativa da qual o entrevistado declara guardar reportagens de jornal e panfletos da época. O então deputado estadual João Jaime teria se interessado pela causa, a exemplo de Dona Jandira Monteiro e de outras pessoas de Almofala; o escritor Antônio Marcos chegou a compor literatura de cordel sobre o tema. Segundo o entrevistado, o movimento não teria prosperado em razão de disputas de liderança envolvendo Juritianha e outros pequenos distritos vizinhos, sem que ele soubesse precisar os detalhes. Em avaliação pessoal — apresentada como tal —, o entrevistado afirma acreditar que, caso essa emancipação tivesse ocorrido, o município de Itarema teria perdido parte substancial de sua história e de seu apelo turístico, por entender que grande parte do reconhecimento e do turismo de Itarema decorre, ainda hoje, da fama de Almofala.

Nesse mesmo depoimento, o entrevistado dedica especial reconhecimento ao Dr. Manuel Messias de Andrade, natural de Almofala, que se mudou ainda jovem para o Rio de Janeiro, onde se formou médico, tornando-se um dos mais renomados profissionais da região do Baixo Acaraú; desde a emancipação de Itarema, nunca teria perdido uma eleição, tendo exercido os cargos de vice-prefeito e de vereador. O entrevistado o distingue de outros filhos ilustres de Almofala — entre eles militares, dentistas e uma atriz de televisão — por ser, em sua avaliação, o único que manteve vínculo constante e visível com sua terra natal após alcançar notoriedade.

17. Considerações finais

Os depoimentos de José de Fátima Silva, professor e memorialista com atuação documentada desde 1993, constituem relato de tradição oral fundamentado em pesquisa própria — entrevistas com moradores idosos (incluindo pessoas centenárias, hoje falecidas), consulta a registros de cartório, a obras de referência sobre a história do Ceará e a documentação eclesiástica — e não correspondem, portanto, a fonte documental primária no sentido estrito. Nas quatro entrevistas aqui sistematizadas, o próprio entrevistado indicou, em diferentes momentos, a existência de tópicos ainda não abordados em profundidade — incluindo detalhamento da história política municipal (nome a nome de vereadores e prefeitos, eleitos e não eleitos), da radiodifusão local, da história do Cangaço e de uma segunda parte, ainda não gravada à data deste texto, dedicada à sequência de padres da Igreja de Almofala — e sinalizou o propósito de dar continuidade ao levantamento histórico do município em edições futuras dos respectivos programas. Divergências pontuais entre as entrevistas, e mesmo dentro de uma mesma entrevista (datas de criação do distrito, data de bênção da primeira capela, ano de chegada da família Martins, data de início do padroado de Nossa Senhora dos Navegantes, número de cordéis escritos e publicados pelo entrevistado, preço de venda de seu livro sobre Almofala, momento exato da desativação do primeiro hospital de Itarema, a grafia do nome do vigário colado de Acaraú em atividade entre as décadas de 1830 e 1900, e diversas datas relativas a padres e visitantes da igreja de Almofala anteriores ao século XIX), foram registradas ao longo do texto, em vez de harmonizadas artificialmente, de modo a preservar a fidelidade ao conteúdo efetivamente declarado pelo memorialista em cada ocasião.

Fontes:
Entrevista 1 (Pod Mais, ep. 1), realizada em 7 de julho de 2023, disponível em: https://www.youtube.com/live/bDmA_1KlzlU
Entrevista 2 (Quarta Cultural), realizada em 6 de setembro de 2023, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_iL6e-YmIQ
Entrevista 3 (Made in Itarema, ep. 42 — Igreja de Almofala), realizada em 1º de setembro de 2025, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lP7srzLixQo
Entrevista 4 (Tudo sobre Itarema — Perguntas e Respostas), realizada em 1 de março de 2023, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KdHSfq2mlsI